

Píndaro

Píndaro foi um poeta lírico que viveu na Grécia antiga, muitas de suas obras se perderam com o tempo, dificultando a sua chegada até nós, e hoje temos apenas quatro de seus livros. A sua pessoa que é atribuída a frase "Homem, torna-te no que és". Temos pouca ciência de sua biografia, assim como de sua bibliografia, mas se acredita que Píndaro tenha nascido em uma cidade próxima de Tebas e que seja descendente de uma graciosa família espartana, o que lhe fez ser um ótimo aristocrata, o que refletia em suas obras mais políticas. Viveu durante guerras, em especial as guerras médicas, e tentava exercer uma função de pacificador na sociedade. Ele era um adepto do pensamento que o Poeta deveria ser um educador na sociedade.

Ode a Agesidamo

Úteis os ventos são, quando propícios
Impelem o baixel: úteis as chuvas,
Filhas da nuvem, à campina, ao prado:
Do verão esforçado
Aos feitos peregrinos
São estímulo e prêmio os doces hinos,
E ao exaltado herói penhor seguro

De alto valor, de esplêndido futuro.
E que mais nobre e duradoura glória
Que a do feliz atleta,
Que na olímpica areia
Rouba ao rival a palma da vitória!

De tão claro certame aos vencedores
Consagro a minha lira,
Por influxo de um deus, dador do engenho,
Que sublimes canções ao vate inspira.

Agora este meu carne, ó Agesidamo,
Digna prole de Arquestrato, recebe,
Em prêmio da recente
C'roa por ti ganhada,
Púgil invicto, em luta porfiada.
Nela a par do teu nome, os seus louvores
Achem os Lócrios do Zefírio cabo,
De tua pátria ilustres moradores.
Ali correi! ó Musas!
Soltai hinos sonoros,
Misturai com os seus os vossos coros.

Eu vos digo que em Locros
Não achareis um povo
De inóspitos costumes;
Mas progénie gentil e belicosa,

Que preza da ciência os claros lumes.
Estáveis são os dons da natureza:
A sagace raposa
Não perde a ruiva cor, não perde as manhas;
Fero leão não perde
Os rugidos e a indómita braveza.

Eu confesso que os poemas gregos me causam muita dificuldade, tanto para achá-los, visto que a avassaladora maioria está em livros acadêmicos ou artigos mais sérios, o que me dificulta a transcrição para o trabalho. Por outro lado, uma vez achados o meu problema não termina, visto que eu não entendo muito do que é dito por causa das metáforas e comparações, que eram decorrentes nesse estilo de poema, e referenciam a deuses gregos ou até mesmo figuras e geografia local. Isso acontece durante o período médio também. De qualquer forma, tirando tudo o que eu apresentei acima, que são características gerais que eu percebi da poesia grega, esse é um poema de exaltação de um artista olímpico da época, Agesidamo.

Ao mesmo

Avia-te, Fama que dás glória imensa, Estrofe
para Ceos, a sagrada, e leva contigo
esta notícia de gracioso renome,
que na luta de audazes punhos
Argeu obteve agora vitória;
os êxitos recordou, os que no afamado Antístrofe
estreito do Istmo, quando deixámos
a divina ilha de Euxanto,
patenteámos com as nossas
setenta grinaldas.
E a musa do lugar invoca Epodo
o doce ressoar das flautas,
para honrar com cantos epinícios
o filho querido de Pântides.

Esse poema entra na categorias de poemas que referenciam a coisas do mundo grego o que dificulta o meu entendimento. Apesar das plataformas de pesquisa, elas mesmas convergem em me dar conclusões, o que apenas acaba me causando mais dúvida. Poderia até ser melhor se o mesmo deus não tivesse ao menos 4 ou 5 versões de seu nome. Esse poema é cheio disso, tendo algum nome grego em praticamente cada verso.

Quero eu

coroar esse rei no tom eqüestre
e no compasso eólio. Pois meu canto
em seu panejamento glorioso
jamais vestirá outro que reúna
o gôsto pelo belo
e a fôrça irresistível.
Hierão, algum deus por teus desígnios

vela: fique sempre a teu lado, que mais doce
a vitória te seja em carro agílimo.
Na colina de Cronos luminosa
irei buscar o veio de louvores
dignos de celebrá-la:

pois a musa
para mim forja o dardo mais potente
Há grandezas de várias excelências,
a mais alta é dos reis. Não busques mais.
Pisem teus pés os cimos sempre, enquanto
a teu lado farei brilhar meu gênio
por toda parte, na vanguarda helênica.

Apesar do trabalho ter solicitado 5 poemas de cada autor, terei que trazer apenas 3 de Epicuro, visto a dificuldade de encontrar suas poesias em sites comuns, e apenas sendo encontrado em livros e antologias, quando não em teses de doutorado. Desse eu entendi um pouco mais, mas ainda assim senti falta de contexto e me senti muito perdido. Esse traz um rei que está indo para uma guerra e o seu lírico se encontra ao seu lado, como um poeta o aconselhando, provavelmente a não ir a guerra, isso pelo histórico pacifista do autor.

Ezra Pound

Ezra Weston Loomis Pound, nascido no fim do século 19, foi um dos maiores escritores do modernismo na poesia estadunidense. Durante o período de sua vida se mudou múltiplas entre França, Itália, Espanha e Inglaterra. Londres foi particularmente importante em sua carreira, já que foi lá onde conheceu boa parte dos seus colegas escritores, os quais serviu de modelo e inspiração. Mais ou menos nessa época que Ezra conheceu o Imagismo, movimento literário que trazia uma nova forma de ver a literatura. Era caracterizado pela métrica livre, palavras do cotidiano, novos ritmos e principalmente o uso de imagens no poema. Acreditava-se que para poesia ser completa, deveria passar a imagem em cada pequeno detalhe.

Posteriormente criou seu próprio movimento, o Vorticismo, com ideias inspiradas no Imagismo. O movimento traz muito mais forte a ideia de imagem, tanto que é considerado o precursor da poesia concreta, além de inspirar até mesmo outras artes, como a pintura. A ideia de vórtice vem de duas razões, a primeira seria um vórtice emocional, onde estaria tudo misturado e confuso dentro de si, a outra vem do concreto mesmo, a apresentação de imagens aceleradas com profundidade, que eram amplamente divulgadas por artistas plásticos adeptos do movimento.

Já no fim da carreira, Ezra tenta escrever uma espécie de divina comédia contemporâneo, em seu livro Cantos.

Vivendo na Itália se associa com o movimento fascista, o que anos mais tarde viria a ser o motivo de sua prisão, por volta de 1945. Saiu detrás das grades graças a vários artistas que se manifestaram ao seu favor, mas isso apenas para ser internado em um hospital psiquiátrico. Quando a acusação é retirada, ele vai para Veneza, onde se isola e passa o resto de seus dias lá.

Medidatio

Quando considero com cautela os curiosos hábitos dos cães

Sou forçado a concluir
Que o homem é o animal superior.

Quando considero os curiosos hábitos do homem
Confesso, meu amigo, fico intrigado.

Nessa obra, o tema é o homem, a sua capacidade de discernir fatos. Ao início, o eu lírico traz o pensamento de que o ser humano é superior aos cães, baseado unicamente nos hábitos caninos. Ao final do texto, quando ele finalmente analisa os seres humanos, ele chega a conclusão de que talvez os cães não sejam tão inferiores, e isso é dito de uma forma que contém um pouco de ironia “*Confesso, meu amigo, fico intrigado.*”.

Saudação

Oh geração dos afetados consumados
e consumadamente deslocados,
Tenho visto pescadores em piqueniques ao sol,
Tenho-os visto, com suas famílias mal-amanhadas,
Tenho visto seus sorrisos transbordantes de dentes
e escutado seus risos desengraçados.
E eu sou mais feliz que vós,
E eles eram mais felizes do que eu;
E os peixes nadam no lago
e não possuem nem o que vestir.

Esse poema trata da sociedade, mostra os pensamentos rasos e julgamentos. Evidencia o fato de que nem sempre o mais bem vestido é o mais feliz, e aqueles que se julgam superiores, não são tão superiores. Esse foi o poema que de fato eu não entendi tanto assim, então apelei a pensamento que geralmente julgaria sem sentido. A família de pescadores, que é caracterizada como mal vestida, é feliz, e ele usa os peixes, que foram caracterizados como sem roupas. Eles estão abaixo, mas não tanto, e mesmo assim a família se julga superior.

Saudação segunda

Fostes louvados, meus livros,
porque eu acabara de chegar do interior;
Eu estava atrasado vinte anos
e por isso encontrastes um público preparado.
Não vos renego,
Não renegueis vossa progênie.

Aqui estão eles sem rebuscados artifícios,
Aqui estão eles sem nada de arcaico.
Observai a irritação geral:

"Então é isto", dizem eles, "o contra-senso
que esperamos dos poetas?"
"Onde está o Pitoresco?"

"Onde a vertigem da emoção?"
"Não ! O primeiro livro dele era melhor."
"Pobre Coitado ! perdeu as ilusões."

Ide, pequenas canções nuas e impudentes,
Ide com um pé ligeiro !
(Ou com dois pés ligeiros, se quiserdes !)
Ide e dançai despudoradamente !
Ide com travessuras impertinentes !

Cumprimentai os graves, os indigestos,
Saudai-os pondo a língua para fora.
Aqui estão vossos guisos, vossos confetti.
Ide ! rejuvenescei as coisas !
Rejuvenescei até The Spectator.
Ide com vaias e assobios !

Dançai a dança do phallus
contai anedotas de Cibele !
Falai da conduta indecorosa dos Deuses !

Levantai as saias das pudicas,
falai de seus joelhos e tornozelos.
Mas sobretudo, ide às pessoas práticas -
Dizei-lhes que não trabalhais
e que viverei eternamente.

Pelo o que eu entendi da obra, desta vez Ezra trata sobre críticos, e sobre o processo de passagem de um artistas. Logo no início, quando ele sai quando ele chega na cidade, já lida com pessoas desgostosas com o seu trabalho mas mesmo assim não destrata dessas pessoas. Ele diz para seguir em frente apesar das circunstâncias, mesmo que isso incluía vaias e assobios, e mesmo que isso incluía ser chamado de vagabundo, porque quando chegar nesse nível o seu trabalho já será recompensado.

Alabastro

Esta dama de roupão-de-banho branco que ela chama de peignoir.
É, até segunda ordem, amante de um amigo meu,
E os delicados pés brancos de seu cachorrinho branco
Não são mais delicados do que ela.
E nem o próprio Gautier desprezaria seus contrastes de brancura
Quando ela senta na cadeira majestosa
Em meio às duas velas indolentes.

Esse é um poema de teor romântico de Erza, na qual ele descreve os traços de uma jovem e que nenhum homem poderia negá-la, até por isso que ela é amante de um amigo dele.

A menina

A árvore penetrou minhas mãos,
A seiva ascendeu pelos meus braços,
A árvore cresceu-me no peito-
Para baixo,
Os ramos crescem fora de mim, como braços.

Árvore és tu,
Musgo és tu,
Tu és violetas com o vento acima delas.
Uma criança – tão alta – és tu,
E tudo isso é loucura para o mundo.

Esse é outro poema romântico, mas dessa vez ele descreve a relação sinérgica entre ele e uma jovem, usando a metáfora do crescimento de uma árvore. A conexão se inicia quando eles tocam a mão um do outro, e a partir daí eles começam a se ligar. Esse é um dos poemas que evidencia muito bem o Imagismo, visto que entre todos, ele é o que traz a imagem mais concreta.

Charles Baudelaire

Charles-Pierre Baudelaire é conhecido como o fundador do modernismo na poesia, mas a sua influência chega a outros campos, como por exemplos as artes plásticas. Começou a escrever poesia ainda no colégio, mas tem a sua carreira interrompida por uma viagem que seu padrasto obriga-o a fazer. Ao fim dela, Charles já é maior de idade, e quando volta pega herança que seu pai havia o deixado. É depois disso que ele conhece o estilo de vida Boémio, e resolve nunca mais voltar a sua antiga rotina. Graças a isso sua mãe entra com um processo contra ele, exigindo a contratação de um tutor para a sua fortuna. Causa que ela ganha. Em 1957 ele lança o célebre Flores do Mal, uma coletânea com mais de 100 poemas de sua autoria, o que lhe rendeu outro processo, mas dessa vez do governo francês, já que pelo ponto de vista deles os seus poemas feriram a ética, seis deles em especial. Em decorrência disso tem que pagar uma multa, o que não o impede de tirar os seis poemas criticados, e ainda adicionar mais trinta no lugar.

A poesia de Charles é uma poesia moderna romântica, que gosta de colocar em confronto o romantismo americano e o romantismo francês, que é infinitamente mais exagerado, além de ser um dos precursores do simbolismo. Seus textos muitas vezes se tornam até mesmo grotescos. O próprio Charles definia que suas obras enxergava a beleza no mal, e comunicava aos homens sobre sua natureza, a dividindo entre divina e demoníaca. Charles é da denominada segunda era do Romantismo, que é caracterizada muito por uma visão de mundo pessimista, onde ao chegar onde quer chegar, percebe que aquele lugar já não é tão bom.

Obsessão

Os bosques para mim são como catedrais,
Com órgãos a ulular, incutindo pavor...
E os nossos corações, - jazidas sepulcrais,
De profundis também soluçam, n'um clamor.

Odeio do oceano as iras e os tumultos,
Que retratam minh'alma! O riso singular
E o amargo do infeliz, misto de pranto e insultos,

É um riso semelhante ao do soturno mar.
Ai! como eu te amaria, ó Noite, caso tu
Pudessem alijar a luz que te consteía,
Porque eu procuro o Nada, o Tenebroso, o Nu!

Que a própria escuridão é também uma teia,
Onde vejo fulgir, na luz dos meus olhares.
Os entes que perdi, - espectros familiares!

Charles traz uma imagem dramática desde o início do poema, comparando florestas e os seus sons com catedrais e seus órgãos, que tocam um incessante requiem, o que faz seu coração clamar. Logo depois ele muda a imagem para o mar, um imenso vazio, que por vezes se agita e bota sua raiva pra fora. Até que ao fim de tudo ele volta a ideia de morte, e não mais a ideia de expressar o seu vazio. Essas duas ideias tem uma clara ligação, que é, todo o sentimento que ele tinha era causado pela perda de seus entes.

A morte dos amantes

Teremos leitos só rosas ligeiras
Divãs de profundidade tumular,
E estranhas flores sobre prateleiras,
Sob os céus belos a desabrochar.

A arder de suas luzes derradeiras,
Nossos dois corações vão fulgurar,
Tochas a refletir duas fogueiras
Em nossas duas almas, este par

Gêmeos espelhos. Por tarde mediúnica,
Nós trocaremos uma flama única
Um adeus que é um soluço tão cruel;

Pouco depois, um anjo abrindo as portas,
Virá vivificar, o mais fiel,
Os espelhos sem luz e as chamas mortas.

Baudelaire tem uma linguagem muito dramática do mundo, aonde para descrever as coisas ele trás uma lembrança antiga, além de colocar muita linguagem figurada. Nesse soneto o autor traz a morte de um casal, onde compara a sua vivacidade com uma chama, e fala do processo que essa chama faz para se separar, sendo por fim levada ao além por um anjo, aonde a chama extingue.

O crepúsculo romântico

Quão belo é o sol quando no céu se ergue risonho,
E qual uma explosão nos lança o seu bom-dia!
– Feliz quem pode com amor e ébria alegria
Saudar-lhe o ocaso mais glorioso do que um sonho!

Recordo-me! Eu vi tudo, a flor, o sulco, a fonte,
Murchar sob o esplendor dessa pupila que arde...
– Corramos todos sem demora ao poente, é tarde,
Para abraçar um raio oblíquo no horizonte!

Mas eu persigo em vão o Deus que ora se ausenta;
A irresistível Noite o seu império assenta,
Úmida, negra, erna de estrelas ou faróis;

Um odor de sepulcro em meio às trevas vaga,
E junto aos pantanais meu pé medroso esmaga
Inesperadas rãs e frios caracóis.

Outro pra lista de poemas que descreve da forma mais mórbida algo que aos olhos de outros poetas é a beleza de vida. Dessa vez é a vez do crepúsculo. A imagem é de que a noite trás a tristeza, já que de dia ele era feliz - ou talvez só estivesse bêbado - e pela noite as coisas bonitas vão sumindo ao testemunho de seus olhos. O Eu lírico até cogita a ideia de correr atrás do sol para não ter que viver a melancolia, mas falha ao fim, e se vê em um céu deserto, sem estrelas, em um lugar frio, que está perdendo a sua vida.

O estrangeiro

- A quem mais amas tu, homem enigmático, dize: teu pai, tua mãe, tua irmã ou teu irmão?
- Eu não tenho pai, nem mãe, nem irmã, nem irmão.
- Teus amigos?
- Você se serve de uma palavra cujo sentido me é, até hoje, desconhecido.
- Tua pátria?
- Ignoro em qual latitude ela esteja situada.
- A beleza?
- Eu a amaria de bom grado, deusa e imortal.
- O ouro?
- Eu o detesto como vocês detestam Deus.
- Quem é então que tu amas, extraordinário estrangeiro?
- Eu amo as nuvens... as nuvens que passam lá longe... as maravilhosas nuvens!

Esse poema tem uma construção diferente dos poemas analisados até agora. Esse traz um diálogo entre duas pessoas, um homem “cético” que está sendo de certa forma entrevistado. Nessa entrevista, o extraordinário estrangeiro revela que não tem amores, exceto pelas nuvens. Isso revela a sua natureza de viajante. Homem que não quer ficar parado em um único lugar. Quer ir para longe descobrir outros ventos e novos lugares, não se apegar a uma pátria estagnada.

Pesadelo (Esboço)

I

Retrato do poeta e da amada. Mistura de corações. Céu sem nuvem. Beatitude.

II

Ciúme do rei. Ele intima o poeta a lhe emprestar sua amante. Recusa do amado. Ameaças do tirano (Luís-Filipe)! Mensagem real anunciando uma vingança inaudita.

III

Um mesmo leito reuniu os dois amantes. Sono profundo dos combatentes. Um rumor imperceptível surgiu ao longe...

IV

(Crescendo dos djins.) Ruídos de espadas. Canhões rodantes, turba retumbante. Um exército em marcha. Tumulto enorme sobre o cais.

V

O que vem se detém; abre-se a porta em nome do rei! É o exército inteiro, tambor-mor à frente, que, sob os olhos do amado, paralisado de horror, vem violar sua amante. Descrição plástica dos executantes da obra infame. Trajes, gestos, posturas diversas de infantaria, cavalaria e das armas especiais.

VI

O poeta enlouqueceu. A musa somente lhe envia rimas sem sentido... Maldição!!

Pra terminar com outro poema que não chegou a ser completo pelo Charles, mas ainda assim o rascunho que foi achado apresenta toda a ideia principal. Nele uma guerra é causada pela intriga de dois homens por uma mulher, um rei e um poeta. Dentre todos os males que a guerra causa, ao fim, aquilo que mais fere o coração do poeta é o fato de que a mulher não era tão boa com palavras. Isso é de certa forma uma crítica aos poetas que escreviam sobre amor, se fechando ao mundo a sua volta. Afinal, com uma guerra acontecendo, o problema do poeta seria apenas os versos de amor sendo declamados.

Ana Martins Marques

Ana Martins Marques é uma Poetisa brasileira, nascida em Minas Gerais no ano de 1977. Ana se formou pela UFMG, Universidade federal de Minas Gerais. Mesma faculdade onde fez seu mestrado e doutorado. Hoje trabalha como redatora e revisora na Assembleia Legislativa de Minas Gerais e é escritora pela editora Companhia das letras. Ana ingressou na carreira de escritora e logo em 2007 ganhou o prêmio Cidade de Belo Horizonte na categoria Poesia - Autor Estreante e logo no ano seguinte ganhou novamente o prêmio, na categoria Poesia. Ganhou o prêmio Alphonsus de Guimaraens, pelo seu livro, *Da arte das armadilhas* de 2011. Em 2015 foi vencedora do prêmio APCA da Associação Paulista de Críticos de Arte com o livro *O Livro das Semelhanças*.

Ana tem um tipo de linguagem que é um pouco incomum, mas que está repercutindo cada vez mais entre os autores contemporâneos, que é a falta de formalidade. Registros da língua informal e não a veneração a uma linguagem que talvez não represente ao máximo o próprio povo falante daquela língua, o Brasileiro. A autora tem um forte apreço por objetos do cotidiano, como é revelado em quase todos os seus trabalhos, que quase sempre apresentam métrica livre e pouca ou quase nenhuma rima.

Como parte deste trabalho escolhi cinco poemas de sua autoria, sendo eles respectivamente Açucareiro, Fruteira, Tradução, Capa e Teatro.

Açucareiro

De amargo

basta
o amor

Agridoce,
ela disse

Mas a mim
pareceu
amargo

No início do poema, a autora fala das desventuras com o amor, que é o tema da obra. De como está amargurada, desacreditada, do sentimento. No segunda estrofe o par romântico do eu lírico anuncia que o sentimento que eles têm não é amargo, e é aí que começa o trocadilho com as palavras. É como se a personagem dissesse que o que eles sentem não é algo que é amor, pois não gera a amargura que o amor geraria, seria algo como apenas um flerte. E ao fim, o eu lírico fala que acha que o que seu par romântico sente é realmente amor, “*Mas pra mim pareceu amargo*”, é que para o eu lírico ele sentiu um tom romântico na declaração, e então ele chama novamente o sentimento de amor visto que acima ele havia vinculado o significado entre as duas palavras.

Fruteira

Quem se lembrou de pôr sobre a mesa
essas doces evidências
da morte?

A Ana tem um gosto por explorar a essência das coisas, e dessa vez ela expõe o que é em essência uma fruta. Seria algo que cresceu e foi arrancado de seu lugar, para ser colocado junto de seus iguais, que estão sofrendo o mesmo processo de apodrecer. O que remete a nossa própria natureza.

Tradução

Este poema
em outra língua
seria outro poema

um relógio atrasado
que marca a hora certa
de algum outro lugar

uma criança que inventa
uma língua só para falar
com outra criança

uma casa de montanha
reconstruída sobre a praia
corroída pouco a pouco pela presença do mar

o importante é que

num determinado ponto
os poemas fiquem emparelhados

como em certos problemas de física
de velhos livros escolares

“*Este poema em outra língua seria outro poema*”, ela diz da relação que um poeta tem com a sua língua, e isso remete a sua obra também. Uma língua remete a toda uma nação e a sua história, e seria injusto adaptar isso para outra língua. É algo bem parecido com o que a hipótese Sapir-Whorf trás. Um poema critica algo, que cabe à realidade de autor, ao se mudar a realidade, ele perde a essência e isso é reafirmado pelas estrofes seguintes, um exemplo disso é: “*um relógio atrasado que marca a hora certa de algum outro lugar*” e “*uma casa de montanha reconstruída sobre a praia [...]*”;

Capa

Um biombo
entre o mundo
e o livro

Aqui ocorre novamente a ideia de captar a essência de algo, e dessa vez com a capa de um livro, à comparando com um biombo, algo que demarca e separa dois espaços.

História

Tenho 39 anos.
Meus dentes têm cerca de 7 anos a menos.
Meus seios têm cerca de 12 anos a menos.
Bem mais recentes são meus cabelos
e minhas unhas.
Pela manhã como um pão.
Ele tem um história de 2 dias.
Ao sair do meu apartamento,
que tem cerca de 40 anos,
vestindo uma calça jeans de 40 anos
e uma camiseta de não mais do que 3,
troco com meu vizinho
palavras
de cerca de 800 anos
e piso sem querer numa poça
com 2 horas de história
desfazendo
uma imagem
que viveu
alguns segundos.

No poema, é tratado o fato do valor do tempo e sobre como as coisas podem acabar sem ao menos terem sido valorizadas por ele. Ela compara o tempo das coisas aos seu redor, como seus dentes, seus sérios, e até mesmo o seu café da manhã. Por fim ela mostra o tempo que demora para destruir algo que nem ao menos começou, que é o caso da poça d'água, que viveu apenas duas horas e foi acabada em alguns segundos. É algo que foi momentâneo apenas.